

**MÍDIA E PODER: O JORNAL O PROGRESSO, PONTA GROSSA (PR) 1907 –  
1912**

**MEDIA AND POWER: THE NEWSPAPER O PROGRESSO, PONTA GROSSA  
(PR) 1907 – 1912**

Isaias Holowate<sup>1</sup>

**RESUMO**

A mídia constrói uma realidade ao mesmo tempo em que é construída pela sociedade ao qual faz parte. Nas páginas dos jornais interesses políticos, ideológicos e intelectuais são colocados em disputa, o que após jogos de poder instituídos dentro da configuração do jornal, emergem os projetos políticos do jornal. Este artigo estuda a fundação do jornal *O Progresso* em Ponta Grossa no Paraná e o projeto ideológico do jornal, analisando as disputas discursivas da publicação em relação as estratégias de poder e de discurso nas páginas do periódico e na configuração social.

**Palavras-Chave:** Cultura da Mídia. O Progresso. Ponta Grossa.

**ABSTRACT**

The media builds a reality at the same time that it is built by the society to which it belongs. Political, ideological and intellectual interests are placed on the pages of newspapers, which, after power games instituted within the configuration of the newspaper, the political projects of the newspaper emerge. This article studies the foundation of the newspaper *O Progresso* from Ponta Grossa in Paraná State and the ideological project of the newspaper, analyzing the discursive disputes of the publication in relation to the strategies of power and discourse in the pages of the periodical and in the social configuration.

**Keywords:** Media Culture. O Progresso. Ponta Grossa.

---

<sup>1</sup>Doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná. Possui Graduação em História (2016) e Mestrado em História (2018), ambos pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Paraná. Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8129-1465>. E-mail: [isaiasholowate@gmail.com](mailto:isaiasholowate@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

O ser humano experimenta e representa o mundo. Ele também é capaz de produzir um objeto. Mas apenas pelo ato de produção o objeto não tem função social. É a dimensão significativa da existência humana que lhe permite estabelecer funções e sentidos para um determinado objeto. É essa dimensão representacional da atividade humana que caracteriza a cultura. No decorrer dos tempos a cultura se tornou uma dimensão central da existência humana. Ela se caracteriza como a dimensão discursiva, significativa e representacional da atividade dos indivíduos. Por serem produzidas por muitos seres humanos em diversos grupos, as culturas embora possam se aglomerar em algumas redes de significados compartilhados, em essência não são homogêneas e se caracterizam por uma pluralidade de subculturas e de significados dentro do mesmo substrato cultural (HALL, 2003, p. 51-100).

Por sua pluralidade, as culturas sempre são objetos de debates e disputas. Diversos grupos historicamente buscaram impor a sua hegemonia em um determinado espaço, regulando, controlando e estabelecendo o que pode e que não pode ser dito (GRAMSCI, 2000, p. 331). A cultura assim, tem suas funções sociais e políticas: pode servir como um mecanismo de valorização do indivíduo, como um escape das disputas políticas ou ainda como um espaço para demonstração das disputas sociais. Na maioria das vezes não é possível separar essas três vertentes, pois a mesma representação cultural pode amalgamar várias dessas funções da cultura (EAGLETON, 2003, p. 36.).

A influência de um grupo cultural sobre outro pode ocorrer dentro de uma mesma sociedade pela interferência de um substrato cultural em outro, tal como a influência de mecanismos de poder na transformação dos signos e significados. Um exemplo é a interferência do Estado e de mecanismos de poder nas subculturas presentes na sociedade, pois o Estado em alguns momentos não só pode designar o que é entendido como cultura e buscar impor uma cultura dominante como pode interferir nas representações culturais dos dominados (CHARTIER, 1991, p. 184).

Em alguns casos, transformações na sociedade e na cultura decorrem de apropriações discursivas feitas por determinados grupos e que não fazem parte da constelação cultural dos outros grupos da sociedade. Esses grupos que ancoraram

novos discursos podem buscar tornar suas ideais como ideais de toda a sociedade se utilizando de estratégias de poder. Tal é o caso das chamadas vanguardas culturais.

No final do século XIX e início do século XX, uma série de discursos de modernização, progresso e transformação social foram produzidas e apropriadas em diversas culturas de várias regiões do mundo. Assim, a ideia de progresso esteve presente em muitos lugares do mundo incluindo a França, o Japão, o Egito e o Brasil. Os significados dados a esses ideais são característicos de cada representação produzida em cada cultura. E os usos que esses signos tiveram em cada região são caracterizados pelos interesses, negociações e estratégias de poder utilizadas em cada sociedade. No Brasil, os discursos sociais ensejaram uma série de projetos políticos de modernização e progresso, que almejavam solucionar o que era visto como um “atraso” brasileiro em relação aos países europeus. Nessa “cruzada progressista”, os jornais tiveram um papel central promovendo discursos, defendendo práticas e divulgando notícias e transformações que foram ocorrendo naquele período.

Em Ponta Grossa no Paraná, uma série de tentativas de estabelecimento de uma imprensa periódica ocorreu nesse período. Entretanto foi apenas após 1907 com a fundação do jornal *O Progresso* que a cidade passou a ter uma publicação que conseguiu se manter de forma ininterrupta no meio local e consolidar a existência de um periodismo jornalístico em Ponta Grossa. Nessa cidade interiorana do Paraná o jornal funcionou como um espaço de promoção de discursos políticos, ideológicos e intelectuais, abrindo oportunidades nas suas páginas para disputas discursivas, negociações, conluios e estratégias de poder que respondiam às necessidades características dos grupos que fizeram parte da configuração do jornal.

Assim, esse artigo estudará a fundação do jornalismo em Ponta Grossa e a construção do projeto político do jornal ponta-grossense *O Progresso* em sua relação com os discursos de modernizantes e suas relações de poder. Tal estudo é possível pela presença de representações em disputa sobre modernidade, progresso e as funções do jornal nas próprias páginas do jornal entre os anos de 1907 e 1912. Como observa Kellner “a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e

que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia” (KELLNER, 2001, p. 10).

Assim, esse artigo também compreende as relações entre o projeto político do jornal e a vivência na sociedade daquele momento observando que as características de um projeto jornalístico são próprias da sociedade que o produz e dos indivíduos que o comandam e propagam suas ideias.

## **2 UM JORNAL NO INTERIOR DO PARANÁ: PONTA GROSSA E O PROGRESSO**

Ponta Grossa é um município da região dos Campos Gerais do interior do estado do Paraná, ocupada durante os séculos XVIII e XIX pela economia tropeira e a instalação das fazendas de invernagem dos animais que passavam pela região em direção ao estado de São Paulo. No final do século XIX, essa região passou por um período de intensa modificação política, econômica e cultural. A estrutura política mudou através da transformação nacional do Império para a República e pela abolição da escravatura, ambos processos que tiveram reflexos locais. A instituição da República não tornou imediatamente todos os brasileiros republicanos (CARVALHO, 1998). Nas décadas seguintes, diversos projetos de sociedade eram debatidos nos diversos espaços nacionais e locais (GRUNER; RIBEIRO, 2019, p. 7). Enquanto isso também a Abolição da escravatura teve seus efeitos com a decadência final da cultura das invernadas tropeiras, em grande parte dependente da mão de obra escrava e que já enfrentavam a decadência desde meados do século XIX com as modificações econômicas ocorridas nas áreas compradoras dos produtos tropeiros.

Contudo, é importante ressaltar que a abolição da escravatura não modificou a condição racializada presente na sociedade local marcado pela escravidão. Os ex-escravos não foram imediatamente integrados à sociedade em um sistema que lhes permitissem condições de ascensão social. Pelo contrário, além do pouco apoio estatal, ainda receberam a marca do racismo, que nas décadas seguintes seriam uma das principais características da sociedade local, especialmente com a chegada e apropriação de discursos do racismo científico (SANTOS; JOVINO, 2018, p. 164-183).

A área citadina também estava se diferenciando do meio rural em um processo de transformação social iniciado a partir do último quarto do século XIX, pois com o declínio da economia tropeira escravocrata (MARTINS, 2011), o desenvolvimento de uma economia mais diversificada com a instalação de indústrias na cidade (KOHLRAUSCH, 2007, p. 20) e um nascente comércio urbano (LEANDRO, 1995, p. 12). as atividades urbanas na vila e depois cidade de Ponta Grossa passaram aos poucos a ter uma predominância sobre as atividades rurais. Se antes a cidade funcionava principalmente como um pousio para as tropas indo para São Paulo, agora o meio urbano funcionava pela sua lógica das urbanidades, pela indústria, comércio, serviços e pela vivência das sociabilidades no meio urbano. Sociabilidades estas que são entendidas como uma forma de associação e um jogo em que os lances de cada indivíduo determinam e são determinados pelos papéis que ele ocupa na rede. Assim, as sociabilidades são um exercício livre dos conteúdos materiais que essas formas adquirem por si e pelo estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, produzindo assim significados próprios (SIMMEL, 2006, p. 63-64). Todavia, como Voigt (2019, p. 117-118) aponta, as redes de sociabilidades podem atrair indivíduos de diferentes grupos sociais para o jogo. Tais diferenças podem ser espelhadas para as representações produzidas no jogo, e por conseguinte, as relações em uma rede de sociabilidades também podem envolver relações de poder não igualitárias.

Ainda nesse período, a chegada de novas levas de imigrantes se tornou cada vez maior, especialmente de imigrantes alemães, poloneses, ucranianos, russos e italianos. A vinda de novos imigrantes significaria transformações econômicas, sociais e culturais na sociedade local. Novas ideias, novos projetos econômicos e novos projetos políticos chegaram a Ponta Grossa.

Muitos imigrantes vinham de condições de vida difíceis em suas regiões de origem e buscavam no interior do Paraná, construir um modo de vida com melhores condições de sobrevivência. Outros, todavia, possuíam condições econômicas de se estabelecer com relativa tranquilidade econômica. Alguns dos imigrantes, inclusive, tinham especializações e um certo capital intelectual de forma a produzir e divulgar ideias na sociedade local (HOLLOWATE, 2018, p. 45-46).

A ideia de fundar jornais na região interiorana do Paraná foi influenciada pela presença desses imigrantes na região dos Campos Gerais<sup>2</sup>. Diversos fundadores dos jornais eram imigrantes e vários colaboradores que tiveram uma participação ativa na fundação da imprensa local e no estabelecimento dos projetos político-intelectuais de construção da imprensa local vinham de outras regiões do Brasil e da Europa.

Naquela época, no meio nacional já haviam publicações com algumas décadas de existência como o *Jornal do Commercio* (1827-2016) do Rio de Janeiro e o *O Estado de São Paulo* (vigente desde 1875) da capital paulista. Era comum os jornais serem influenciados pelas elites políticas dos lugares ao qual faziam parte. No *Jornal do Commercio*, que geralmente apoiava os interesses da corte do Império, por exemplo, D. Pedro II tinha uma coluna fixa. Já o *Estado de São Paulo* foi um importante veículo de comunicação da elite cafeicultora paulista em sua campanha de oposição às mudanças que foram ocorrendo nos anos finais do império e, como tal, se manteve com uma proximidade discursiva com essas elites. No Paraná, embora tivessem ocorrido tentativas de estabelecimento da imprensa desde a fundação do *Dezenove de Dezembro* (1854-1890), na primeira década do século XX, o jornalismo ainda era algo novo. Mesmo os jornais com maior reconhecimento, como os curitibanos *Diário da Tarde* (1899-1983) e o *A República* (1888-1930), trocavam debates e colaborações com articulistas de outros jornais e não possuíam uma unidade jornalística fixa. Os colaboradores circulavam de uma publicação para outra, motivados pelos atritos que ocorriam nas publicações e as oportunidades que surgiam nos periódicos vizinhos. Assim, a doutrina dos jornais, embora defendesse uma certa liberalidade de seus membros e se posicionasse enquanto uma ferramenta informativa, na prática, ainda dependia do apoio político dos poderosos da cidade, aos quais não convinha contrariar, sob a pena de ser marginalizado do círculo da imprensa local ou mesmo colocar o apoio que o periódico recebia em risco.

A fundação do jornal *Campos Geraes* em 1893 foi a primeira tentativa de estabelecimento de uma imprensa em Ponta Grossa (PILOTTO, 1973). Todavia, o

---

<sup>2</sup>Os Campos Gerais ocupam uma faixa de território do Segundo Planalto paranaense, entre o Planalto Curitibano e o Planalto de Guarapuava. Caracteriza-se por ser uma região campeira, que durante os séculos XVIII e XIX, foi ocupada pela economia tropeira, com a instalação das fazendas de engorda dos animais que passavam pela região (HOLLOWATE, 2018, p. 42).

jornal teve pouca duração, fechando após algumas edições. Nos anos seguintes, vários outros jornais foram sendo instalados na cidade. De 1899, o *Gazeta dos Campos*, sob a direção do jornalista Teixeira Coelho, uma das primeiras nomeadas personalidades do jornalismo em Ponta Grossa. Em seguida, o *Jubileu Operário* (1903), *Luz Essênia* (1905), *O Escalpello* (1908) e *O Commercio* (1904) (HOLZMANN, 2004). Todos esses jornais não tiveram vida longa. Acabaram fechando por falta de anunciantes, carência de apoio ou filiação política duradoura, falta de investimentos e em alguns casos, por enfrentar aberta hostilidade política.

Os jornais, especialmente os pequenos periódicos interioranos não conseguiam sobreviver apenas pela venda de suas impressões. Necessitavam do apoio da classe política e de grupos da elite do poder ou de uma cooperação da Câmara Municipal. Por consequência, muitas publicações tinham uma curta existência: fundadas em momentos de interesse do debate político, os periódicos entravam em crise e fracassavam quando findava esse interesse político. Os jornais que não recebiam apoio financeiro e político, geralmente ligados a um movimento intelectual, no caso de publicações locais, tinham uma possibilidade de sucesso ainda menor, pois não dispunham de receita e capital suficiente para se manter na ativa por mais tempo. Assim, diversos jornais acabaram tentando se tornar porta-vozes de instituições já existentes na sociedade local, seja como uma ideia de difundir as ideias desses grupos políticos ou legitimar a presença e a importância dessas instituições na sociedade.

No caso do *O Progresso*, que o jornal se utilizou nos seus diversos períodos de existência, de várias dessas estratégias. Em nenhum momento o jornal se colocou como uma filiação a um grupo político, mas em diversos momentos negociou estratégias discursivas com diversos grupos. Ao mesmo tempo, o jornal se afirmou como um projeto político intelectual na sociedade local, o qual manteve durante considerável tempo e marcou os primeiros anos de sua existência.

### 3 O PROJETO IDEOLÓGICO DO JORNAL

No dia 27 de abril de 1907 era publicada a primeira edição do jornal *O Progresso*, em Ponta Grossa no Paraná. O jornal tinha o formato *standard*, de 4 páginas diagramadas em seis colunas verticais. As duas primeiras eram dedicadas à

publicação de editoriais, artigos e notícias, enquanto que as duas últimas eram preenchidas com propagandas de medicamentos, estabelecimentos comerciais e indivíduos que promoviam seus serviços profissionais na publicação.

O jornal foi fundado por indivíduos que na sua maioria não possuíam experiência no jornalismo. Seu fundador, Jacob Holzmann, era músico, maestro da Band Lyra dos Campos, e não tinha nenhuma experiência jornalística. Por consequência, a direção do jornal esteve na maior parte do tempo sob responsabilidade dos redatores da publicação. Como a fundação do jornal ocorreu a partir da compra da tipografia do jornal recém liquidado *O Commercio* por Jacob Holzmann, um aspecto que apoiou o desenvolvimento do *Diário dos Campos* foi ter conseguido contratar e manter alguns dos funcionários do *O Commercio*. Ao mesmo tempo, o periódico após as primeiras edições publicadas quinzenalmente, buscou conseguir novos materiais de produção para a imprensa, trocando os equipamentos da tipografia na medida que os recursos permitiam e atraindo novos funcionários a medida que se tornavam necessárias. Com a atualização dos equipamentos da tipografia do jornal, este, após algumas edições, passou a publicar no formato trissemanal, que era o padrão nos jornais brasileiros daquele período e ao qual o *O Progresso* conseguiu se adequar ao regime de publicação.

O jornal ponta-grossense também se utilizou de estratégias de poder com vistas em atrair indivíduos reconhecidos pela sociedade local para o grupo de colaboradores da publicação. Um dos casos foi o do médico Francisco Búrzio, migrado da Itália após ter se formado na Universidade de Turim. Em Ponta Grossa, Búrzio conquistou o respeito da sociedade local pela sua qualidade enquanto cirurgião e seu conhecimento intelectual, especialmente na área médica. Búrzio, tendo chegado em 1908 em Ponta Grossa era inclusive, um dos raros casos em que o médico atendia em um consultório próprio. O jornal cedeu espaço para Búrzio boletins médicos e o entrevistou como uma autoridade em questões médicas e biológicas como forma de aproximar e angariar o profissional para a equipe de colaboradores da publicação. Búrzio, por sua vez, foi um dos indivíduos que durante a maior parte do recorte da pesquisa comprou espaço de propaganda no *O Progresso*. Assim, fazer parte das sociabilidades do jornal era interessante para ambos os lados da rede de interesses.



Com o título de *O Progresso*, uma das características do jornal era a sua defesa de um projeto ideológico pautado no ideal de modernidade. Essa concepção ganhou força entre grupos de intelectuais e das elites locais, pautando-se nos princípios de “Ordem” e “Progresso”, originários do Positivismo. O Positivismo foi uma doutrina de pensamento proposto por August Comte que se propôs a ordenar as ciências experimentais, considerando-as o modelo por excelência do conhecimento humano, em detrimento das especulações metafísicas ou teológicas. No plano social, se caracterizou por um princípio evolucionista das sociedades a partir de estágios menos avançados para mais avançados (Estágios Teleológico, Metafísico e Positivo), em que a sociedade avançaria em direção ao Cientificismo e ao Progresso (BRANDÃO, 2011, p. 80-105). A concepção iria fazer parte do cotidiano defendido por grupos de membros da elite local, que buscavam em seus discursos, defender uma urbanização marcada pela atuação dos poderes públicos na cidade de forma a alterar, modificar e controlar o meio urbano se embasando em discursos de progresso tecnológico, científico e industrial.

A modernidade urbana é, por si só, outra representação que introduz toda uma outra série de apreciações. Tradução sensível da renovação capitalista do mundo, a modernidade enquanto experiência histórica, individual e coletiva, faz da cidade mais que um lócus, um verdadeiro personagem. A emergência da cidade moderna e, sobretudo, de Paris como paradigma e mito da metrópole exportável enquanto modelo para o mundo põe em cena uma gama de novas representações. Por exemplo, a transformação da cidade desencadeia uma luta de representações entre o progresso e a tradição: uma cidade moderna é aquela que destrói para construir, arrasando para embelezar, realizando cirurgias urbanas para redesenhar o espaço em função da técnica, da higiene, da estética (PESAVENTO, 2004, p. 79).

Todavia, esses discursos, embora amplamente presentes no meio social local, não significavam sua aplicação sumária em práticas sociais, pois as transformações na sociedade local ocorriam com características próprias e em negociação com as práticas locais. A inauguração do cine Renascença em 1911, por exemplo, em uma época em que o cinema era visto pelos positivistas como um símbolo do progresso moderno e “O cinematógrafo coroou [...] toda uma era de grande progresso técnico ocorrida ao longo do século XIX” (LEANDRO, 1995, p. 66), também envolvia especificidades do meio interiorano local. O cinema em Ponta Grossa também exibia filmes, tal como os cinemas das metrópoles. Todavia, essa

não era sua função principal. O cinema local, também fundado por Jacob Holzmann, tinha por função primordial, servir como um espaço para a banda Lyra dos Campos tocar (HOLZMANN, 2004, p. 110).

Assim, a noção de modernidade se afirmava enquanto um discurso idealizado, amplamente defendido por grupos progressistas da região. Porém, não se deve considerar esses ideais modernistas como uma prática aplicada sem distinção na sociedade. O que ocorria era uma cultura que se utilizava de práticas tradicionais e ideias positivistas que iam sendo apropriados por alguns membros das elites locais. As tentativas de aplicação de ideais positivistas na vida cotidiana dependiam das condições locais e, em diversos momentos, entravam em choque e negociação com outros modelos de sociabilidades presentes no meio local.

Isso ocorria porque as culturas são permeáveis, ou seja, as culturas de diferentes grupos em uma sociedade estão em constante contato com outros grupos e sendo influenciados e influenciadores. Isso faz com que os conceitos de alta cultura e cultura de baixo precisem ser repensados, pois a cultura de grupos marginalizados ou dos poderosos não se excluem mutuamente: existem pontos de contato, processos de amálgama e apropriação e mesmo a reutilização de signos culturais. Nelas, os signos culturais podem ser apropriados, com significados diferentes, por grupos distintos, preenchendo funções sociais próprias (BURKE, 2008).

Vale lembrar que entre o também a idealização da modernidade não condizia não condizia com a prática nem mesmo nas metrópoles, como mostram o exemplo do Rio de Janeiro que conviveu com a chibata e as favelas e Paris com o aumento do desemprego e as difíceis condições de vida dos mais pobres. As modernidades construídas nas sociedades do início do século XX apresentavam apropriações locais de ideais nacionais e internacionais e, como aponta Chartier, toda apropriação é criativa (CHARTIER, 2010, p. 25). Assim, as representações produzidas sobre a modernidade e o progresso, sejam locais ou internacionais são signos com um sentido ideal e não uma reprodução exata da realidade.

#### 4 MÍDIA E POLÍTICA: A IDEOLOGIA DO JORNAL E O PODER

No caso do *O Progresso*, foi a chegada do jornalista<sup>3</sup> Hugo dos Reis em fins de 1908 que marcou o início da consolidação do periódico expandindo seu grupo de colaboradores e atraindo figuras de poder para a esfera do jornal (HOLLOWATE, 2018, p. 48). Durante sua participação no jornal, ele acompanhou os desafios e as mudanças na sociedade local, as quais buscou refletir e intervir na sociedade local através dos textos nas páginas da publicação. Também se envolveu constantemente em disputas políticas e sociais da Ponta Grossa de sua época, tendo participado de diversas campanhas, entre as quais pela fundação da Sociedade Operária Beneficente (REIS, 28 mar. 1913, p. 1.), promulgação do espiritismo, povoamento do interior e reflorestamento da região, que já era alvo das indústrias madeireiras (HOLZMANN, 2004, p. 261-317).

Uma das características na presença de Hugo dos Reis na sociedade pontagrossense foi o seu reconhecimento no meio social local. Numa época de fortalecimento das profissões liberais, a sua reconição foi possível graças à aceitação e reconhecimento da sociedade local da sua atuação como jornalista e intelectual e especificamente, do grupo da classe liberal urbana ao qual ele se inseriu e que o admitiu como membro. O historiador Roger Chartier, ao defender que as relações sociais são determinantes para construção das representações sobre a atuação do indivíduo, aponta que: “A realidade de uma posição social não é mais do que aquilo que a opinião considera que ela é: É o reconhecimento, pelos outros, da qualidade de membro dessa sociedade que, em última análise, decide sobre essa mesma qualidade” (CHARTIER, 1990, p. 112).

Em meio às disputas políticas entre grupos das elites locais, Hugo dos Reis e o *O Progresso* se posicionaram ao lado do grupo político capitaneado pelo fazendeiro, político e advogado Elyzeu de Campos Melo recebendo apoio político e monetário em momentos de crise, como o foi em 1912, quando em virtude de uma crise financeira, o jornal sobreviveu ao se tornar parte de uma companhia de

---

<sup>3</sup>A utilização do termo jornalista neste ensaio busca apontar aqueles que atuavam na produção das edições de um jornal. A primeira escola de jornalismo brasileira foi fundada apenas em 1947.

investidores chamada *Companhia Tipographica Pontagrossense*<sup>4</sup>, da qual Elyzeu de Campos Melo era o principal investidor.

Como se observa, no entorno do jornal uma estrutura formada por colaboradores, funcionários, patrocinadores e redatores, responsável pela continuidade do periódico foi sendo desenvolvida. Essa estrutura pode ser pensada como uma configuração social, ou seja, a construção de um grupo em um espaço, com relações dinâmicas e estabelecimento de um regime de condutas e padrões que permeiam as relações entre os membros da unidade social. Assim, a configuração social em um ambiente, como entre os indivíduos que acessavam ao jornal, criava um padrão regular – mas também fluído - de normas e ações permitidas, como um jogo, com padrões próprios e prêmios específicos do ambiente em questão (ELIAS, 2000, p. 58).

Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto de jogadores – não só pelos seus intelectos, mas pelo que eles são no seu todo, a totalidade das suas ações nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que essa configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou adversários (ELIAS, 2008, p. 142).

Com isso, em uma configuração social as transformações ocorrem a partir da ação coletiva dos indivíduos que fazem parte dessa rede mesmo que motivados por interesses individuais. Assim, as disputas, negociações e interesses existentes em uma configuração não devem ser compreendidas através de uma separação entre o indivíduo e a sociedade, mas pela interrelação indivíduo-sociedade, pois a formação do ser humano ocorre a partir do resultado das relações no grupo e as ações que toma dentro de uma configuração social diz respeito aos interesses, regras e premiações presentes na configuração (ELIAS, 1994).

Durante todo esse período a redação se preocupou em reforçar e aumentar a equipe de colaboradores da publicação. Nos primeiros anos do periódico, não era incomum que todas as matérias de uma edição fossem artigos da redação ou republicações de outros jornais. Nos anos seguintes, a redação criou diversas

---

<sup>4</sup> Utiliza-se a grafia “pontagrossense” junto apenas quando se refere a um nome próprio oriundo da temporalidade do jornal. Quando se trata do predicativo de “nascido em Ponta Grossa”, se atualiza a grafia para *ponta-grossense*.

iniciativas para estimular autores colaborar com o jornal, inclusive através de concursos literários, nos quais a partir de uma temática estabelecida, candidatos escreviam contos e ensaios que eram publicados no jornal e julgados por um júri local formado por personalidade locais e que incluía os membros da redação do jornal (DIÁRIO DOS CAMPOS, 10 fev. 1913, p. 1).

O jornal, sendo uma ferramenta que constrói uma realidade (ALSINA, 2009, p. 45), atuava como um instrumento político de legitimação e de contestação social ao mesmo tempo em que era influenciado pelo meio social, realizando uma constante troca de informações. Tratava-se de uma produção voltada para seu público, consistindo de uma relação dialógica em que ao mesmo tempo em que influenciava a opinião de seus leitores, também era influenciado pelos grupos que acessam à publicação, sejam eles os patrocinadores, produtores, colaboradores ou consumidores. Assim, ao mesmo tempo que os jornais nas pequenas cidades buscavam promover um discurso socio-intelectual respondendo as questões locais eles também constituíam uma mercadoria. Sua existência era constituída e influenciada pela sociedade à qual fazia parte.

Michel Foucault (1996) foi um dos principais estudiosos sobre o aspecto negativo – no sentido que nega algo a um indivíduo ou grupo – das relações de poder. No caso do jornal, como se observa, havia a presença de normas, regras, proibições e sanções que determinavam o que podia e que não deveria ser publicado no jornal. A aceitação ou rejeição de um indivíduo na configuração do jornal dependia do seu status social, do posicionamento político considerado pela redação como aceitável e, finalmente, da produção de textos que fossem considerados consumíveis pelos leitores do jornal.

Contudo, além das estratégias negativas de poder, o discurso do jornal também se utilizava de estratégias midiáticas positivas de poder – no sentido que visam estimular a atuação do indivíduo atingido pela estratégia de poder - de forma a convencer a população local da legitimidade de sua ideologia e do interesse social popular de seu projeto político. Nesse sentido, o poder é pensado por Byung-Chul Han a partir da concepção de espaço-poder, em que os indivíduos e grupos na sociedade buscam aumentar seu espaço-poder através de estratégias conhecida por eles – e muitas vezes não conhecida pelo outro -. O objetivo de uma ação tendo em vista a consolidação e aumento do poder de um indivíduo ou grupo é aumentar o

espaço ocupado por si através da ocupação do espaço-poder do outro, ou seja, tornar o espaço-poder anteriormente ocupado por outros grupos e ideologias como um espaço controlado por seu grupo e sua ideologia (HAN, 2019).

Assim, as ações do jornal como os concursos literários, as cartas dos leitores, os textos operários, os discursos proferidos nos salões locais e que eram republicados nas edições do jornal, entre diversas outras estratégias, visavam ao mesmo tempo aproximar a sociedade local da produção do jornal, estimulando a leitura, a discussão política e a atuação social, mas também visavam reforçar o poder social da configuração do jornal e aumentar a influência exercida pelo periódico na sociedade local.

Assim, o aspecto restritivo do poder é uma das demonstrações de poder que se observa na constituição midiática. É fato que o jornal como o *O Progresso* também se apoiou das instâncias restritivas do poder. Mas a essência da atuação da cultura da mídia se baseava em aumentar o espaço-poder próprio e dos grupos ao qual se estava associado. E isso vai para além do reconhecimento do seu poder por outro indivíduo ou grupo. O poder segundo Byung-Chul Han entranha até mesmo os espaços do inconsciente do indivíduo, de forma que os objetivos do atingido pelas estratégias de poder se tornam iguais aos da mídia e o resultado para as estratégias sempre será um sim entusiástico. O objetivo da ação estratégica de poder é que o leitor atingido passe a pensar da mesma forma que a ideologia do jornal sem ao menos cogitar que está sendo atingido pela ação de poder do jornal.

A relação de poder não pressupõe nem uma vez, caso bem observada, uma alternativa de prevenção unilateral, ou seja, nem uma vez ela pressupõe a alternativa que apenas o subordinado queira evitar. Se o alter adotar a decisão do ego, esse consentimento não deve ser resultado do medo de uma sanção negativa. O 'sim' do alter pode afirmar a decisão do ego enquanto tal, e até mesmo sem qualquer olhar de soslaio para as alternativas preventivas. O poder do ego culmina justamente nesse 'sim' enfático do alter para o ego sem que contenha nem uma pitada de um 'hmm, sim'. [...] Não mero consentimento, mas entusiasmo e excitação produzem um poderoso com muito poder (HAN, 2019, p. 27-28).

Um sim relutante ou um não é exatamente o que a estratégia de poder não busca, pois significa que há uma divergência entre a ação e a recepção. O não total, é a divergência total, o que pode conduzir à violência. Mas a violência é apenas um recurso final das estratégias de poder (HAN, 2019). O controle da força física e a

ameaça da violência constituem algumas ferramentas de poder que podem e são utilizadas por certos grupos em determinadas circunstâncias. Mas no caso do jornal analisado, pela própria função da cultura da mídia, ela não foi em momento algum a ferramenta mais utilizada. A atuação política do jornal se baseava em reforçar seu espaço-poder, divulgar sua ideologia e influir nas transformações da sociedade local.

Assim, o *O Progresso*, enquanto ferramenta midiática, continuamente se utilizou das propagandas, campanhas literárias, discursos políticos, participação em eventos, entrevistas, editoriais, etc, como estratégias midiáticas de aumento de espaço-poder. Esse aumento de espaço-poder foi um dos principais responsáveis pela continuidade ininterrupta em um período em que muitos jornais faliam. E como foi visto, nesse aspecto a experiência de um jornalista como Hugo dos Reis certamente foi fundamental atraindo colaboradores, negociando espaços e promovendo o projeto político do jornal.

Ao se observar o projeto do jornal é possível notar que seu discurso era moldado pela visão positivista de mundo e que tomava a sociedade como marcada pelos estágios de avanço em direção ao que considerava como “o progresso”. No caso brasileiro, esse suposto atraso ainda era associado aos problemas políticos enfrentados pelo país no período após a Proclamação da República, como os movimentos sertanejos, o monarquismo e a política do café com leite. Nesse tom, o projeto discursivo político e intelectual da configuração do jornal era “de sanar-se a crise política da nação” e construir uma sociedade que, aos olhos dos colaboradores, era pensada como mais evoluída.

Gritam os oradores das tribunas, esbravejam os jornalistas dos jornais, veem-se línguas e penas assanhadas, e do caos da retórica atirado a face da multidão abstrata, o pensador não encontra a estrutura de um plano, a origem de uma reforma, o astro de uma ideia – meios de sanar-se a crise política da nação (REIS, 19 ago. 1909, p. 1).

As disputas da política local nas páginas do jornal durante considerável parte do tempo se faziam por embates discursivos cavalheirescos e divulgações de textos e colaborações intelectuais. Contudo, em diversos momentos as disputas se acirravam, com diatribes sobre interesses locais e apropriações conflitantes de representações políticas e ideológicas nacionais e internacionais. Essas disputas envolviam estratégias como a difamação, a ironia, a sátira, a acusação, entre

diversas outras ações. As respostas podiam ocorrer nas ruas, com violências e ameaças. Em uma dessas disputas os dois redatores do jornal foram espancados e a redação sofreu uma tentativa de empastelamento. Anos depois, em uma disputa com a Câmara Municipal, os vereadores ponta-grossenses tentaram quebrar o monopólio midiático do *O Progresso* e fundaram o jornal *O município*, que fracassou após poucas edições.

As campanhas midiáticas no jornal tinham influências de várias outras correntes de ação política. Reis se posicionava como um socialista espiritualista, Guimarães era um meio termo entre um socialista católico e um liberal democrata e Aldo Silva era anarquista. Os textos publicados no jornal refletiam esses diversos posicionamentos que influenciaram inclusive no apoio político local e no resultado das ações sociais em Ponta Grossa.

As disputas de poder local se acirravam nos momentos de eleições, quando o povo era chamado às urnas e o jornal entrava em um processo de ativa campanha a favor deste ou daquele candidato. Geralmente bem posicionado em relação à política local e mal em relação à política nacional, os textos do jornal que apoiaram seguidamente as campanhas presidenciais de Ruy Barbosa amargavam as derrotas criticando a forma com que a política brasileira era conduzida naquele período. As estratégias de poder em relação a política local se notam também nos momentos de acordo com a prefeitura e o governo estadual, no apoio do jornal à determinados políticos locais, alinhamento com grupos de fazendeiros e investidores urbanos e seus elogios estratégicos a certas figuras da política local e estadual.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como foi apontado, o final do século XIX e início do XX marcam no Brasil o período de instalação de diversas instituições jornalísticas não só nas metrópoles mas também nas pequenas cidades interioranas. Em muitas destas cidades, a chegada de imigrantes, o processo de urbanização e a instalação da imprensa periódica estavam atrelados ao desenvolvimento econômico urbano e instalação de indústrias e comércio dentro das cidades.

Os jornais se tornaram uma das principais ferramentas comunicativas e de divulgação de informação ao público. Nas pequenas cidades as publicações eram



voltadas especialmente para o público local, buscando ao mesmo tempo em quem publicavam os interesses e acontecimentos locais, também noticiar a população da região com as discussões que ocorriam no âmbito nacional e internacional.

A fundação de um jornal e o estabelecimento de um projeto político-ideológico de uma redação jornalística dependia dos indivíduos que idealizam esse projeto e da sociedade ao qual esses indivíduos faziam parte e na qual esse projeto desejava ser implementado. Em Ponta Grossa, a fundação do *O Progresso* constituiu a primeira tentativa bem sucedida de criação de uma imprensa local. O processo de consolidação do periódico envolveu constantes disputas, negociações e estratégias de poder. Diversos grupos políticos em vários momentos se opuseram e se apoiaram nas publicações do jornal. Embora o jornal no meio local fosse recente naquele período, os grupos dominantes de Ponta Grossa já haviam notado o poder de construção da realidade da mídia e tal como costuma ocorrer, também na sociedade local ocorreu a disputa pelo controle dos órgãos da opinião pública.

No caso do *O Progresso* o jornal se apoiou em um grupo de fazendeiros e investidores locais, membros da elite e que ao mesmo tempo tinham interesses no campo e na cidade ponta-grossense. A esse grupo conseguiu aumentar seu poder com a associação de outros indivíduos da elite intelectual local, constituída de advogados, médicos e professores. Esses grupos poderosos buscaram, nas páginas do jornal construir uma hegemonia de seus interesses e discursos na sociedade local, propagando os ideais positivistas de modernidade, ordenação e progresso.

Assim, tal como se observa, a cultura da mídia é também um lugar onde se travam batalhas pelo controle da sociedade e sua compreensão está intimamente vinculada ao entendimento das relações de poder. No caso do *O Progresso*, o jornal se constituiu e se consolidou se utilizando dessas batalhas em seu próprio favor. Participou de constantes disputas políticas ao mesmo tempo em que empreendeu suas campanhas com objetivo de aumentar seu espaço-poder e impor seus interesses discursivos. A configuração do jornal era um espaço de disputa, mas também de legitimação social e de associação de esforços com vias de promoção de um projeto político. Esse projeto, se tomar em conta as transformações na sociedade no decorrer dos tempos, foi em grande parte, bem sucedido.

## REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- BRANDÃO, Ana Rute Pinto. A postura do positivismo com relação às Ciências Humanas. **Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia**, Pouso Alegre, v. 03, n. 06, p. 80-105, 2011.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. “Escutar os mortos com os olhos”. **Estudos Avançados: São Paulo**, v. 24, n. 69, p. 7-30, 2010, p. 25.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173- 191, 1991.
- DIÁRIO DOS CAMPOS. **Concurso literário: o júri, classificação dos trabalhos, outros concursos**. Ponta Grossa, 10 fev. 1913, p. 1.
- EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. São Paulo: EdUnesp, 2003.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- ELIAS, Norbert. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: volume 1: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GOLDMANN, Lucien. O sujeito da criação cultural. In: **Dialética e ciências humanas**. Lisboa: Editorial Presença, 1972, p. 61-98.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 3.
- GRUNER, Clóvis; RIBEIRO, Luiz Carlos (orgs). **Utopias e experiências operárias: Ecos da greve de 1917**. São Paulo: Intermeios, 2019.

HALL, S. A questão multicultural. In: **Da Diáspora**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003, p. 51-100.

HAN, Byung-chul. **O que é poder**. Petrópolis: Vozes, 2019.

HOLLOWATE, Isaias. **A eugenia nas páginas do jornal Diário dos Campos, Ponta Grossa (PR) 1908-1916**. 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2018.

HOLLOWATE, Isaias. Relações de poder: A contenda entre o jornal Diário dos Campos e a Câmara Municipal no alvorecer da imprensa ponta-grossense. **Mídia & Contexto**. Ponta Grossa, v. 1, n. 04, p. 1-17, 2015.

HOLZMANN, Epaminondas. **Cinco histórias convergentes**. Ponta Grossa: UEPG, 2004.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru-SP: Edusc, 2001.

KOHLRAUSCH, Arlindo Jonas Fagundes. **Introdução à história da arquitetura em Ponta Grossa/Pr: as casas de madeira: 1920 a 1950**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

LEANDRO, José Augusto. **Palco e tela na modernização de Castro**. 1995. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1995.

MARTINS, Ilton César. **E eu só tenho três casas: a do senhor, a cadeia e o cemitério: crime e escravidão na Comarca de Castro, 1853-1888**. 2011. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

PESAVENTO, Sandra. Correntes, campos temáticos e fontes: uma aventura da História. In: **Idem. História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PILOTTO, Valfrido. **Ideais de ontem da cidade sempre jovem**. Caderno em homenagem à cidade de Ponta Grossa em comemoração ao sesquicentenário do Decreto nº 15 que criou a freguesia. Ponta Grossa, 1973.

REIS, Hugo dos. Sociedade Operária. **Diário dos Campos**. Ponta Grossa, 28 mar. 1913, p. 1.

REIS, Hugo dos. Tudo theorico. **O Progresso**. Ponta Grossa, 19 ago. 1909, p. 1.

SANTOS; Merilyn Ricieli dos; JOVINO; Ione da Silva. Sociabilidades negras entre a diversão e os letramentos: um clube literário e recreativo nos Campos Gerais (PR). **Revista da ABPN**, v. 10, p. 164-183, jan. 2018

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

VOIGT, Lisa. Festas e sociabilidades nas cidades mineiras nos séculos XVII-XVIII. In: RIBEIRO, Luiz Carlos; DORÉ, Andrea (orgs). **O que é sociabilidade?**. São Paulo: Intermeios, 2019.

**Artigo recebido em:** 18/01/2021

**Artigo aprovado em:** 21/02/2021

**Artigo publicado em:** 10/05/2021